

A VARIAÇÃO "NÓS" E "A GENTE" NOS SUJEITOS SENTENCIAIS: DO USO REAL EM ENTREVISTAS ESCRITAS AO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

THE VARIATION "NÓS" AND A "GENTE" IN SUBJECTS OF THE SENTENCES: FROM THE REAL USES IN THE WRITTEN INTERVIEWS TO THE PORTUGUESE TEACHING AND LEARNING

**Flávio Brandão-Silva
Hélcio Batista Pereira
UEM**

Resumo: Este trabalho discute a relação variação linguística e ensino de língua portuguesa, retomando a questão do emprego variável de “nós” e “a gente” na função de sujeito. Para tanto, partimos do arcabouço teórico da Sociolinguística e da Sociolinguística Educacional, para observar o uso real desses pronomes em entrevistas escritas recentemente concedidas por indivíduos de elevado prestígio social e publicadas na versão digital do jornal *O Estado de São Paulo*, para, em seguida, verificar o tratamento dado a essa variação na coleção *Português: línguas*, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A análise das entrevistas mostrou um quadro de alternância no uso das duas formas. A análise do material didático apontou que a coleção didática aborda o fenômeno linguístico em variação, o que é um avanço, mas ainda o faz de forma isolada. Ou seja, seu tratamento não se dá de maneira sistemática, como recomendam os estudos da Sociolinguística Educacional, ainda que uso variável em formas prestigiadas de expressão da língua seja recorrente, como ocorre nas entrevistas.

Palavras-chave: Variação Linguística e Ensino de Português. Sujeito Pronominal. Gênero Entrevista. Nós e a gente.

Abstract: *This paper discusses the relationship between linguistic variation and Portuguese language teaching, focussing on the question of the variable use of “nós” and “a gente” in the syntax function of the subject. Our theoretical framework is Sociolinguistics and the Educational Sociolinguistics. We observe the actual use of these pronouns in some writing interviews recently granted by individuals of high social prestige and published in the digital version of the newspaper O Estado de São Paulo. In addition, we verify the treatment given to that linguistic variation at “Coleção Português: línguas”, by William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. The analysis of the interviews showed us that both pronouns forms have been used in that speech genre. The analysis of the didactic material pointed out that the didactic collection addresses the phenomenon*

of linguistic variation, which is an advance, but still does it in isolation. In other words, its treatment does not take place in a systematic way, as recommended by Educational Sociolinguistics studies, although variable use in prestigious forms of language expression is recurrent, as occurs in interviews.

Keywords: *Linguistic Variation and Portuguese teaching. Subject pronouns. Interviews.*

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa na escola, ao longo dos anos, esteve associado ao estudo da gramática normativa, de modo que, para muitos, saber língua portuguesa consiste em ter domínio das regras prescritas na gramática tradicional (SILVA e BARONAS, 2019). Essa crença ainda persiste porque toma-se como referência a norma-padrão, definida a partir de um rígido ideal de purismo linguístico, histórica e socialmente construído com a finalidade de controlar e de impedir a variação e a mudança linguística. Por esta razão, associa-se a norma-padrão à escrita, uma vez que esta, de uma forma simplista, normalmente é considerada como exemplo de uso linguístico formal e a oralidade, por sua vez, seria o “lugar” da variação, dada a sua suposta natureza informal.

Este trabalho tem como objetivo discutir a relação variação linguística e ensino de língua portuguesa, a partir da análise de fenômenos linguísticos variáveis próprios do Português Brasileiro (PB), mais especificamente do emprego das formas “nós” e “a gente” na posição de sujeito, a partir da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Educacional. Nossa análise foi realizada com base num *corpus* constituído por 10 entrevistas escritas, publicadas, em novembro e dezembro de 2020, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em sua versão digital, na seção “Economia & Negócios”. Além disso, a pesquisa também se propôs a analisar como ocorre a abordagem da variação linguística, de modo particular, do emprego das formas pronominais “nós” e “a gente” como sujeito, em materiais didáticos de língua portuguesa, centrando nossa atenção na coleção *Português: linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, obra indicada na edição de 2015, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A escolha da coleção se justifica pelo fato de ter sido a mais distribuída em todo o país, o que revela, conseguinte, a preferência dos professores pela obra.

O ensino de Língua Portuguesa deve ter como parâmetro uma concepção que privilegie, no processo de aquisição, o aprimoramento da língua materna, a história, o sujeito e o contexto, deixando de ser somente o repasse de regras ou mera nomenclatura da gramática tradicional, para oportunizar atividades escolares mais próximas das práticas sociais letradas e cidadãs. Assim, com este estudo, esperamos contribuir com as reflexões sobre o ensino de língua portuguesa, para que o processo de ensino-aprendizagem favoreça ao sujeito uma reflexão sobre a língua e sua diversidade.

1. NORMA, VARIAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA

As pesquisas sociolinguísticas realizadas no Brasil nas últimas décadas colocaram em

evidência a diversidade linguística do Português Brasileiro (PB). Essa diversidade revela variantes linguísticas que se definem não só por fatores regionais (variação geográfica) ou em virtude da necessidade de adequação da linguagem às situações discursivas, conforme o nível de formalidade (variação estilística), mas também por causa dos grupos sociais que as utilizam.

Dessa forma, à discussão sobre as variedades linguísticas, somam-se as discussões a respeito da noção de norma(s) linguística(s). A definição de norma(s) não é uma tarefa muito simples, visto que há diferentes entendimentos a respeito de seu significado. Para Faraco e Zilles (2017), em princípio, a norma pode ser entendida, em sentido amplo, como variedade, ou seja, diz respeito aos usos diversos, as chamadas “normas normais”, que “estão relacionadas ao espaço (sócio)geográfico e correspondem a formas habituais de dizer de cada região” (FARACO e ZILLES, 2017, p. 13). Por essa razão, é possível falar em norma urbana, norma rural, norma urbana da periferia, norma informal da classe média urbana etc. Em sentido específico, a norma corresponde a um conjunto de regras que refletem o bom uso da língua e que devem ser seguidas pelos falantes, a chamada “norma normativa”, portanto, de natureza prescritiva. Por se apresentar como um ideal linguístico a ser alcançado, a norma normativa objetiva a padronização linguística em determinados contextos (usos formais, monitoramento linguísticos etc.), bem como controlar a heterogeneidade linguística, a qual é reflexo da heterogeneidade social.

Vários autores, como Faraco (2004, 2008), Faraco e Zilles (2017), Castilho (2004), Lucchesi (2004), entre outros, se dedicaram a discutir a distinção entre os tipos de norma(s), os quais se fundamentam, principalmente, pelo valor atribuído às diferentes normas, tendo em vista sua natureza social.

De acordo com Faraco (2008), a norma-padrão toma como parâmetro a escrita, em vista a um processo de uniformização da língua, tanto na oralidade, como na escrita. Dessa forma, cria-se um padrão linguístico ideal, muito abstrato e, portanto, difícil de ser alcançado, embora os dicionários, as gramáticas normativas e os compêndios, por exemplo, busquem alcançar essa norma ideal. A norma culta, por outro lado, denota adequação e rigor gramatical e predomínio do uso das formas linguísticas prestigiadas. Ante o aspecto valorativo atribuído ao uso linguístico das classes mais elitizadas/ intelectualizadas, estabelece-se um contraste entre o falar culto e os falares populares, oriundos de classes desprestigiadas, elegendo-se o falar culto como modelo.

Para Bortoni-Ricardo (2004), as variedades linguísticas e o conceito de norma devem ser abordados a partir da noção de “contínuo”, pois, segundo a autora, as variantes não ocorrem isoladamente, mas se inter-relacionam. Nesse sentido, a autora desenvolve sua abordagem propondo três contínuos: “contínuo de urbanização”, “contínuo de oralidade-letramento”, “contínuo de monitoração estilística”. Desse modo, as diferentes normas linguísticas resultariam da sobreposição desses três contínuos, formando, assim, um “contínuo” de normas; noção esta que contraria a classificação dicotômica (norma culta x norma popular), frequentemente presente nas discussões sobre os tipos de normas. Assim, a norma culta, especificamente, segundo Faraco (2008), fazendo referência aos critérios definidos pelo projeto NURC - Norma Linguística Urbana Culta, afirma que “a variedade que está na intersecção dos três *contínua* em seus pontos mais próximos do urbano,

do letramento e dos estilos mais monitorados.” (FARACO, 2008, p. 47).

Definir ou conceituar as diferentes normas, por si, já é uma tarefa complexa. Isso se agrava quando se somam, às discussões, questões relacionadas ao ensino-aprendizagem. Por muito tempo, o ensino de língua portuguesa foi intimamente associado ao ensino de gramática normativa. Esse modelo de ensino era fundamentado em concepções de linguagem como expressão do pensamento e como instrumento de comunicação, segundo as quais, era essencial que o sujeito tivesse pleno domínio do código. Por essa razão, difundiu-se a ideia equivocada (e que ainda está presente em boa parte da sociedade, sobretudo pelo reforço dos meios de comunicação) de que saber português é saber gramática normativa, a qual reflete a chamada norma normativa.

Ao tratar da relação ensino e variação, Castilho (2004) questiona abordagens pedagógicas que se pautam em concepções de linguagem simplistas e preconceituosas, que não levam o aluno a identificar a diversidade linguística e restringe-se, basicamente, ao reforço das prescrições normativas.

2. REVISITANDO OS ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO DE *NÓS* E A *GENTE*

Nos últimos 40 anos, muitos estudos se detiveram sobre a variação de *nós* e *a gente* no Português Brasileiro (doravante PB) e seus dialetos. De uma maneira geral, esses trabalhos caracterizam o processo como de mudança linguística, com o avanço de *a gente* sobre a primeira pessoa do plural em diversos contextos de uso. Do mesmo modo, muitas propostas de transposição do tema para a sala de aula foram realizadas. A despeito desse fato, pouco foi incorporado pela escola brasileira nessa questão. A forma *nós* continua sendo tratada como o pronome pessoal por excelência para se referir a uma ideia de pluralidade do “eu”, enquanto *a gente* continua sendo tratado como um elemento linguístico-discursivo típico da coloquialidade de textos orais.

Na presente seção, apresentaremos brevemente algumas dessas pesquisas.

2.1 ESTUDOS DA VARIAÇÃO DE *NÓS* E A *GENTE* NO PB NA FUNÇÃO DE SUJEITO

Omena (1986), trabalhando com dados do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, mostrou a variação de *a gente* e *nós* na função sintática de sujeito, na fala carioca de indivíduos com ensino médio. Segundo a autora, *a gente* tem uma maior probabilidade de ocorrer quando o falante faz o uso desta forma e, em seguida, mantém a sequência discursiva sem alterações do referente. Já com *nós*, o uso subsequente é mais provável sempre que essa forma foi utilizada inicialmente e a referência foi mantida. Como a forma *a gente* seria mais usada nas faixas etárias mais jovens, haveria indícios de um processo de mudança linguística.

Lopes (1998), por sua vez, ateu-se sobre o português brasileiro falado culto, observado a partir dos dados no NURC Brasil. Seus resultados mostram que a forma *a gente* é favorecida por

uma série de contextos: 1) quando a forma anterior é um sujeito vazio com verbo na 3ª pessoa do plural ou quando a forma antecedente é um sujeito *a gente* explicitamente realizado; 2) quando o falante é mulher e jovem; 3) nos níveis de saliência fônica (entre a forma verbal singular e a plural) mais baixos; 4) quando há um grau mais elevado de indeterminação; 5) no gerúndio, no infinitivo e no presente do indicativo; 6) quando há a presença de modalizadores como “poder” e “dever”; 7) para falantes do Rio de Janeiro. Já a forma *nós* seria favorecida: 1) quando o antecedente é um sujeito vazio com verbo na primeira pessoa do singular ou quando é um *nós* explicitamente realizado; 2) no grupo de falantes homens mais idosos; 3) quando a saliência fônica se mostra mais alta; 4) nos contextos em que há um maior grau de determinação; 5) quando o tempo verbal é pretérito perfeito do indicativo, futuro do subjuntivo, ou ainda, quando é pretérito imperfeito do subjuntivo; 6) quando há verbos de opinião (em estruturas como “eu acho que”); 7) para falantes de Porto Alegre.

Em um importante trabalho, Fernandes e Gorski (1986) sustentaram que a ambiguidade da forma da primeira pessoa do plural do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo - em verbos como “cantar” - seria resolvida pelo falante, com o uso da desinência número pessoal -mos para expressar passado, deixando a gente como forma preferencial para expressar o presente.

Essa variação ocorre em diversas regiões do Brasil. Na busca por trabalhos, percebe-se que a variação é encontrada em diferentes municípios como Belo Horizonte-MG (MAIA, 2019), Jaguarão-RS e Pelotas-RS (BORGES, 2004), Curitiba-PR (TAMANINE, 2010), Florianópolis (SEARA, 2000), Concórdia-SC (FRANCESCHINI, 2012), Vitória-ES (MENDONÇA, 2012), Belém-PA (CAMPOS, 2019) e S. Luís-MA (RAMOS, BEZERRA e ROCHA, 2009)¹. Assim, o fenômeno atinge o PB de maneira generalizada, o que reforça a importância de um tratamento adequado pela escola.

2.2 ESTUDOS SOBRE A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO DE *NÓS* E *A GENTE* EM SALA DE AULA

A descrição de fenômenos linguísticos variáveis realizada em estudos sociolinguísticos, nas últimas décadas, chamou a atenção para a necessidade de tornar a abordagem desses fenômenos objeto de ensino. Assim sendo, listamos, a seguir, a título de exemplificação, alguns trabalhos que discutiram o emprego das formas pronominais “nós” e “a gente” como sujeito, em contexto do ensino-aprendizagem, principalmente em materiais didáticos de língua portuguesa.

Vitório (2015) abordou a variação no uso de “nós” e “a gente” na posição de sujeito na escrita escolar de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió-AL; Brustolin (2010) descreveu e analisou a ocorrência do fenômeno em questão na fala e na escrita de alunos do ensino fundamental, em Florianópolis-SC; Freitag (2016) critica o fato de muitos livros didáticos não incluírem “a gente” no sistema pronominal; Mittelstadt e Santos (2012) e Carvalho e Bagno (2017),

1. Pelas restrições de páginas previstas para publicação deste artigo, não detalharemos aqui tais trabalhos. Sua menção aqui tem a função de dar ao leitor a dimensão desse fenômeno variável pelo território brasileiro.

analisam a presença dos pronomes pessoais *nós* e *a gente* em cinco livros didáticos de português brasileiro para estrangeiros; Nicolau (2020) propõe um conjunto de atividades para que o professor trabalhe fenômenos variáveis do Português Brasileiro, tomando como base a análise do emprego de “nós” e “gente” como sujeito, na escrita de alunos da rede pública de ensino, de João Pessoa-PB; Goulart (2015) e Arctico (2016) destacam o tratamento parcial e não sistemático das variantes pronominais em questão, em livros didáticos de língua portuguesa; Silva (2016), que também analisou a presença de “nós” e “a gente” em livros didáticos, aponta a não abordagem do emprego variável do fenômeno referido, nas obras analisadas, as quais focaram apenas as prescrições da gramática normativa.

O levantamento dos trabalhos demonstra a necessidade de que a variação linguística esteja presente nas aulas de língua portuguesa, de forma contínua e sistematizada, não apenas como um conteúdo isolado. Dentre os trabalhos analisados, é importante destacar iniciativas que procuram levar a abordagem de fenômenos linguísticos do PB para a sala de aula. Por outro lado, também entre os estudos citados, a conclusão a que chegam é de que, muitas vezes, o tema em questão é abordado parcialmente, ou não é abordado. Além disso, esses trabalhos da área de ensino, juntamente com os trabalhos de descrição mencionados neste artigo, comprovam que o emprego variável das formas “nós” e “a gente” como sujeito é um tema recorrente em pesquisas variacionistas e de variação e ensino.

3. A VARIAÇÃO DE *NÓS* E *A GENTE* EM ENTREVISTA ESCRITA

3.1 O GÊNERO ENTREVISTA ESCRITA

O que aqui denominamos entrevista escrita - entrevista jornalística publicada em veículos jornalísticos na modalidade escrita - é, na verdade, um subgênero da entrevista. Assim, do ponto de vista linguístico, sua constituição é caracterizada por sequências de pergunta-resposta. Do ponto de vista discursivo, pressupõe a interação de um entrevistador - que é responsável por propor perguntas e conduzir a organização tópica do texto construído em dialogia - e (pelo menos) um entrevistado - a quem cabe responder às questões, submetendo-se aos temas propostos ou, com alguma liberdade, esquivando-se de responder o que lhe foi perguntado (HOFFNAGEL, 2003, p. 181).

O gênero entrevista surge sempre a partir da oralidade. E, como tal, no caso de entrevistas publicadas em revistas impressas e sites, o enunciado final sofrerá ainda uma operação de transcrição, vertendo-se para a modalidade escrita. Essa operação não é um processo simples, e está longe de ser automático, sendo melhor descrita como uma retextualização. O procedimento foi bem descrito por Dias (2015):

de saída, restrições impostas pela natureza do veículo, tal como limitação de espaço para publicação, farão com que no processo de edição do texto haja uma redução do volume de material verbal produzido, e, com isso, alterações de conteúdo e modos de dizer (p.161).

Nesse processo, o jornalista apaga o que foi de fato dito, substitui trechos, resume informações, etc. (MARCUSCHI, 2001). Fenômenos típicos da oralidade como as repetições, truncamentos, as parentizações, etc. devem desaparecer do texto final. Outras marcas da modalidade oral, no entanto, serão conservadas, como o uso de vocábulos da linguagem coloquial. Assim, a entrevista que chegará ao leitor em texto escrito não é mera transcrição do texto original, produzido oralmente pelo entrevistado (DIAS, 2015, p. 171).

3.2 AS ENTREVISTAS DO ESTADÃO: REFLEXÕES SOBRE NOSSO CORPUS DO USO REAL DE NÓS E A GENTE

Para realização de nossa pesquisa descritiva sobre a variação de *nós* e *a gente*, compomos um *corpus* com 10 entrevistas escritas publicadas, em novembro e dezembro de 2020, pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em sua versão digital, na seção Economia & Negócios.

As entrevistas que selecionamos foram concedidas por indivíduos de alta escolaridade, membros da elite econômica brasileira, que trataram de temas ligados ao mercado empresarial brasileiro. Assim, em nosso *corpus* registramos as entrevistas de: 1) Caio Turquetto, presidente da COPAGAZ, que discorreu sobre a empresa que preside e sobre o mercado de gás no Brasil; 2) Pedro Guimarães, atual presidente da Caixa Econômica Federal, que falou sobre a atuação da Caixa no mercado de banco digital, onde atua para fomentar o mercado microempreendedor do Brasil; 3) Fernanda Nechio, diretora do Bacen (Banco Central do Brasil), que explanou sobre as iniciativas dessa instituição para fomento do crédito rural no Brasil; 4) de Ricardo Paes de Barros, professor do INSPER, economista-chefe do Instituto Ayrton, que explanou sobre a necessidade de investimento em educação no Brasil, em especial no contexto da pandemia de COVID-19, para sustentar o crescimento econômico; 5) de Henrique Tada, diretor executivo da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais, que tratou sobre o mercado da indústria farmacêutica brasileira; 6) de Frederico Trajano, empresário, membro da família proprietária do Magazine Luiza, que falou sobre a atuação de sua empresa no mercado varejista de e-commerce; 7) de Luiza Helena Trajano, também sócia dessa última empresa, que contou sobre a atuação de sua empresa desde os seus primórdios até se tornar um dos maiores varejistas do Brasil; 8) de José Roberto Mendonça de Barros, economista e sócio da MB Associados, o qual tematizou sobre o contexto atual e o cenário da economia brasileira; 9) de Guilherme Hug, sócio da Fuse, a quem coube dissertar sobre a atuação de sua empresa e sobre o mercado de startups no Brasil; 10) de Sérgio Gusmão Suchodolski, presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, cuja fala tratou das iniciativas da instituição para fomento de empresas em iniciativas empreendedoras sustentáveis

Nota-se, pois, que nossos entrevistados são pessoas de considerável prestígio social, especialistas nos negócios, empreendimentos e instituições que conduzem. Consideramos, portanto, que suas amostras de fala são relevantes para representar os usos da norma linguística culta brasileira. Além disso, as entrevistas exigiram dos falantes um certo controle dos elementos linguísticos utilizados, evitando-se formas estigmatizadas ou consideradas inadequadas.

Esse conjunto de entrevistas forneceram dados do uso de *nós* e de *a gente*, nas formas *explícita* e *vazía*, dados que serão analisados na próxima seção.

3.3 ANALISANDO OS DADOS DE *NÓS* E *A GENTE* NAS ENTREVISTAS ESCRITAS DO ESTADÃO

As dez entrevistas que selecionamos nos permitiram recolher 140 ocorrências que evidenciam a variação de *nós* e *a gente* neste gênero discursivo. A Tabela 1, abaixo, detalha tais usos por entrevistado, consolidando os usos e apresentando suas frequências em termos percentuais. Nela se pode notar o uso mais frequente de *nós vazío* (com 71%) – uso que aparece em (1) adiante. A forma explícita de *a gente* atingiu 15% dos usos – como temos também no excerto (1) - enquanto a de *nós explícito* respondeu por 11% dos usos – exemplificado em (4), a seguir - restando ao *a gente vazío* apenas 2% das ocorrências – uma das quais mostramos em (3)². Esses resultados confirmam a força das formas de *nós* no gênero que estudamos - o que não nos surpreende por se tratar de discurso da modalidade escrita - mas deixa evidente a relevância do uso de *a gente*. Se considerarmos somente os pronomes explicitamente realizados, encontraríamos, inclusive, um quadro variável, com leve superioridade da forma preterida pelos manuais de gramática a pretexto de sua coloquialidade.

Avaliando os usos pela ótica dos indivíduos, notamos que 6 dos entrevistados fizeram uso concomitante de *nós* e de *a gente* - como mostramos no excerto (1), enquanto apenas 4 restringiram seu uso às formas de *nós*, o que ilustramos em (2). Um dos entrevistados, inclusive - Ricardo Pais de Barros - optou por *gente* explícito em 67% dos seus usos. Luiza Trajano e Frederico Trajano, membros de uma mesma família, sendo ela tia e ele o sobrinho, atribuíram a *a gente* uma produtividade superior a 30%.

(1) “*A gente* teve coragem de tomar algumas medidas, como fazer sociedade com um banco no crediário quando ninguém fazia isso. Fizemos coisas que muitas vezes representavam abrir mão do lucro de curto prazo” (Entrevista de Luiza Trajano).

(2) “Também fizemos um trabalho com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e criamos um núcleo de estudos de usos para o GLP. Na América do Norte, por exemplo, há um consumo no agronegócio do tamanho do consumo total do Brasil e nós não temos nenhum quilo de gás no agronegócio” (Entrevista Caio Turqueto).

2. Nos excertos, apresentamos os usos de *A gente vazío* com o símbolo “f”.

Tabela 1: Variação de *nós* e *a gente* por entrevistado

Entrevistado	Nós explícito		Nós vazio		A gente explícito		A gente vazio		Total	
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%
Caio Turqueto	1	7%	13	93%	0	0%	0	0%	14	100%
Pedro Guimarães	0	0%	19	83%	2	9%	2	9%	23	100%
Fernanda Nechio	1	8%	11	92%	0	0%	0	0%	12	100%
Ricardo Paes Barros	1	11%	2	22%	6	67%	0	0%	9	100%
Henrique Tada	0	0%	3	100%	0	0%	0	0%	3	100%
Frederico Trajano	0	0%	9	69%	4	31%	0	0%	13	100%
Luiza Trajano	5	31%	4	25%	6	38%	1	6%	16	100%
J. R. Mendonça de Barros	2	13%	14	88%	0	0%	0	0%	16	100%
Guilherme Hug	0	0%	8	80%	2	20%	0	0%	10	100%
Sergio Suchodolski	6	25%	17	71%	1	4%	0	0%	24	100%
Total	16	11%	100	71%	21	15%	3	2%	140	100%

Esses resultados confirmam também que certamente fatores sociais interagem com as escolhas linguísticas dos usuários. Assim, embora não tenhamos elementos para nos aprofundar nessa questão, podemos verificar que o uso mais frequente de *a gente* foi feito, de forma individual, por Paes de Barros, o único informante que atua no setor de educação, o que contrasta com o fato de que os demais entrevistados desempenham funções administrativas, consultivas e de gestão em grandes corporações empresariais. Do mesmo modo, poderíamos pensar que os elevados percentuais dessa mesma forma nas entrevistas dos membros da família Trajano apresentam alguma relação com o vínculo que mantêm com a fala praticada no interior de São Paulo, a partir de onde o grupo econômico ao qual pertencem se projetou. Ainda que não tenhamos elementos para verificar se tais hipóteses se sustentam, esses dados evidenciam as interações entre as práticas sociais e o uso da língua.

De qualquer maneira, se lembrarmos que os entrevistados são membros da elite brasileira, todos com formação acadêmica, e que os mesmos indivíduos são apresentados na entrevistas como especialistas em questões importantes para o mercado econômico - e como tal vozes relevantes para oferecer a seus leitores não só ideias e concepções, mas também formas linguísticas prestigiadas - veremos que a produtividade de *a gente* é bastante significativa.

Uma questão importante para explicar a variação de *nós* e *a gente* diz respeito ao traço semântico [+Específico] ou [-Específico]. Este último favoreceria o uso de *a gente*. Nas entrevistas, quando o entrevistado fez referência a um “eu + eles” (ao falar de si e dos membros de sua empresa) - como em (3) - produz-se um sentido mais específico; quando deseja imprimir um sentido mais genérico, válido para todos, refere-se a “eu + todos” - como em (4). Como se pode

ver na Tabela 2, a maior frequência em ambos os contextos no *corpus* que analisamos se deu com *nós vazio*, o que talvez tenha relação com os procedimentos realizados pelo jornalista para verter o texto oral original em uma entrevista escrita. Já a maior frequência de *a gente explícito* ocorreu justamente na presença do traço [- Específico], confirmando a expectativa inicial de um maior uso dessa forma em contextos de indeterminação.

Tabela 2: Variação de *nós* e *a gente* em função dos traços [+Específico] e [- Específico]

	Nós Explícito		Nós vazio		A gente explícito		A gente vazio		Total	
	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%
[+ Espec.] /	12	11%	76	72%	15	14%	3	3%	106	100%
[- Espec.]	4	12%	24	71%	6	18%	0	0%	34	100%
Total	16	11%	100	71%	21	15%	3	2%	140	100%

(3) “*A gente* só vai saber na hora em que f começar a medir o que aconteceu com o aprendizado à medida que os alunos voltarem. Agora, a principal preocupação é o cara voltar para a escola. Se não voltar para a escola, a perda é gigantesca” (Entrevista Ricardo Paes de Barros).

(4) Não é uma linha de crédito com um banco multilateral. É uma emissão de um título sustentável. Portanto, *nós* poderemos acessar um pool de investidores que vai além de bancos multilaterais. Investidores institucionais, fundos soberanos poderão investir nesse bond que será emitido fora do País (Entrevista Sérgio Gusmão Suchodolski).

A variação entre *nós* e *a gente* se dá em quase todos os tempos verbais, segundo nossos dados. Os resultados que obtivemos permitiram checar uma questão importante apontada por Fernandes e Gorski (1986), que evidenciaram uma especialização de *nós* no pretérito do indicativo e de *a gente* no presente do indicativo sempre que a forma verbal realizada coincide - o que ocorre com o verbo “comprar”, por exemplo, mas não com verbo “estar”. A Tabela 3 a seguir mostra-nos que, nas entrevistas analisadas, o *nós vazio* são os mais frequentes independentemente do tempo verbal, o que deve ter relação com os procedimentos de transformação da entrevista em um texto escrito. Ainda assim, os dados nos mostram que o presente do indicativo se constitui como o contexto de melhor produtividade de *A gente explícito*, que com totaliza 21% dos casos, contra 15% quando a forma verbal é o pretérito perfeito do indicativo³.

3. As três ocorrências de *A gente vazio* que encontramos não constam dos dados da Tabela 3 por terem ocorrido em sentenças com o infinitivo pessoal.

Tabela 3: Variação de *nós* e *a gente* em contexto marcado pela coincidência de forma entre o presente do indicativo e o pretérito do indicativo.

Tempo Verbal	<i>Nós</i> Explícito		<i>Nós</i> vazio		<i>A gente</i> explícito		Total	
	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%	Qtd.	%
Pres. do ind.	2	14%	9	64%	3	21%	14	100%
Pret. Perf. do Ind.	3	15%	14	70%	3	15%	20	100%
Total Geral	5	15%	23	68%	6	18%	34	100%

4. REVISITANDO O TRATAMENTO DE *NÓS* E *A GENTE* NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

4.1 SOBRE O LIVRO DIDÁTICO ANALISADO

Com o reconhecimento de que a língua é, por natureza, variável, a diversidade linguística passou a integrar os conteúdos curriculares e, conseqüentemente, tornou-se conteúdo obrigatório nos livros didáticos de língua portuguesa. Embora seja, sem dúvida um avanço, a abordagem da variação linguística nos materiais didáticos, de certa forma, ainda ocorre parcialmente. De acordo com Silva (2017), em geral, os livros didáticos trazem a variação linguística como um capítulo específico, não sendo retomada em outros capítulos, inclusive naqueles destinados ao estudo gramatical.

Assim sendo, apresentaremos, a seguir, uma análise da coleção *Português: Linguagens*, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicada em 2013, pela editora Saraiva e que foi indicada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2015, para o ensino de língua portuguesa, no Ensino Médio. O objetivo da análise é verificar se, na abordagem dos fatos gramaticais (de modo particular o emprego das formas pronominais “*nós*” e “*a gente*”), é levada em consideração a natureza variável desses fenômenos, tendo em vista as especificidades do PB. A escolha da obra se deve ao fato de que, no PNLD de 2015, esta foi a coleção mais distribuída no país, com 4.684.156 exemplares, o que a torna o livro didático de maior abrangência nacional.

A obra segue o formato do manual e é estruturada em três volumes (um para cada série do Ensino Médio). Cada livro apresenta quatro unidades que se dividem em capítulos. Os eixos de ensino se articulam com a leitura, numa proposta centrada nos gêneros textuais, cujo objetivo é a formação cidadã do estudante.

No eixo da leitura, entendida como um processo, a coleção aposta num trabalho visando à formação de um leitor eclético, por meio de gêneros textuais de diferentes esferas sociais.

A produção escrita está presente nas quatro unidades de cada volume, por meio de uma série de atividades diversas, que apresentam clareza e sistematização. Todo o trabalho de escrita é proposto na perspectiva dos gêneros textuais, os quais apresentam temáticas específicas e nível de complexidade gradativo. Além disso, a coleção fornece suporte ao estudante, orientações para a seleção temática e para a construção textual, favorecendo, assim, o desenvolvimento da proficiência escrita.

Com relação ao eixo da oralidade, sua abordagem não se dá em um capítulo à parte, mas em atividades trabalhadas no eixo da produção textual e também na seção “Projetos”, ao fim de cada unidade.

O trabalho com o eixo dos conhecimentos linguísticos é bastante explorado na coleção e apresenta duas abordagens dos conteúdos: uma crítica e reflexiva e a outra, principalmente em conteúdos relacionados à gramática normativa, voltada para um tratamento predominantemente transmissivo.

O ensino de literatura, na coleção, privilegia uma perspectiva tradicional de interpretação, fundamentada na história e na evolução dos fatos literários, de acordo com os cânones, o que não contribui muito para uma experiência de leitura e de fruição do texto literário. Os textos propostos para a leitura, ora são obras completas, ora fragmentos de textos de autores representativos das literaturas brasileira, portuguesa e africana de Língua Portuguesa. Em síntese, a coleção apresenta as seguintes características: a) pontos fortes, quais sejam, a articulação promovida pela leitura e a contextualização da produção literária, com informações relevantes sobre autores e obras dos movimentos literários estudados; b) como ponto fraco aponta-se o trabalho com conhecimentos linguísticos com poucas oportunidades de reflexão; c) o destaque da coleção está nos projetos interdisciplinares, no final das unidades, que retomam conteúdos estudados nos diferentes eixos e em diferentes áreas do conhecimento que articulam os eixos de ensino; d) programação de ensino - para as escolas com períodos bimestrais, sugere-se uma unidade por bimestre; e) manual do professor - orienta o professor no desenvolvimento das atividades didáticas e traz resposta e comentários no livro dos alunos. (BRASIL, 2014, p. 54).

4.2 ANALISANDO O TRATAMENTO DE *NÓS E A GENTE* NO LIVRO DIDÁTICO

De modo geral, na coleção, a abordagem da variação linguística não é uma constante, pois, nas unidades destinadas ao estudo da literatura, não ocorre nenhuma referência ao tema. Também com relação à produção textual, pouco se explora sobre a importância de adequação da linguagem aos diferentes gêneros textuais estudados. Os gêneros textuais utilizados na coleção para exemplificar as variantes linguísticas, inclusive, não refletem situações reais de uso da língua. Para exemplificar a variação geográfica, os autores utilizam um poema do Timor Leste. Com isso, os autores deixam de explorar a abundante diversidade linguística que existe nas diferentes regiões brasileiras. Além disso, faltam também gêneros que sejam específicos da oralidade, os quais são muito produtivos no que se refere à ocorrência de variantes linguísticas.

Há, no volume 1, um capítulo destinado, exclusivamente, ao estudo da variação linguística (cap. 7). O referido capítulo é iniciado com um texto de Patativa do Assaré, seguido de uma série de questões relativas ao texto e ao uso da linguagem. Na sequência, os autores apresentam os conceitos de variedades linguísticas, norma padrão e variedades urbanas de prestígio. Na sequência, são abordados os conceitos de dialeto e registro, e de gírias. No entanto, essas abordagens acontecem

de forma bem superficial. O mesmo ocorre com os tipos de variação, que não são bem explicitados pelos autores.

Embora, em alguns momentos, os autores comentem sobre a importância de adequação da linguagem à situação de interação e ao tipo de gênero produzido, é possível perceber um relativo reforço da norma padrão, a qual, extraída a partir da norma culta, consiste num ideal linguístico que não se realiza como uma variedade da língua efetivamente:

Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe a ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida profissional e social. As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta. Outras variedades, faladas no meio rural ou por pessoas não alfabetizadas ou de baixa escolaridade, geralmente são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito (CEREJA e MAGALHÃES, 2013, p. 80).

As afirmações dos autores sugerem que a norma padrão é a norma socialmente aceita, tanto é que, segundo os autores, a escola se ocupa de seu ensino. Não se pode negar o compromisso da escola de possibilitar ao aluno o ensino da norma padrão, até como forma de emancipação social. No entanto, afirmações com a dos autores, sem uma devida contextualização, contribuem para que se reforce a estigmatização imposta às variedades populares, como é o caso do dialeto caipira. Além disso, é importante destacar que todas as normas variam, inclusive a norma culta, e a realidade linguística do PB mostra isso, como é o caso, por exemplo, da alternância entre as formas *nós* e *a gente* com função de sujeito, observada em entrevistas jornalísticas.

Especificamente quanto aos conteúdos gramaticais, em geral, a coleção procura abordar fenômenos que caracterizam a realidade linguística do PB, embora não o faça de forma constante na obra. Como o foco deste trabalho é o emprego das formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito, não serão discutidos aqui, por questões metodológicas, outros fenômenos linguísticos variáveis abordados na coleção.

O capítulo 11, da unidade 1, do volume 2, é destinado ao estudo dos pronomes. A partir de fragmentos de vários textos, é introduzido o estudo dos pronomes pessoais. Inicialmente, é apresentado um quadro com a classificação tradicional dos pronomes pessoais e, na sequência, outro quadro, para contraponto, com o sistema pronominal do PB, a partir da *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba de Castilho. Castilho (2010) distingue pronomes pessoais usados no português brasileiro formal e pronomes pessoais usados no português brasileiro informal. No quadro apresentado pelo autor em sua gramática, constam, no português informal, as formas pronominais “a gente”, para a primeira e terceira pessoa, “você”, “ocê”, “cê”, com seus respectivos plurais, para a segunda pessoa e “ei” e “eis”, para a terceira pessoa. Ainda de acordo com o autor, essas formas podem ocorrer como sujeito ou como complemento, o que seria uma particularidade do PB.

A partir do quadro proposto por Castilho, Cereja e Magalhães fazem o seguinte

esclarecimento:

No português brasileiro falado atualmente, as formas *você*, *a gente* e *vocês* são utilizadas também como pronomes pessoais e fazem referência, respectivamente, à 2ª pessoa do singular e à 1ª e à 2ª pessoas do plural. Formalmente, entretanto, correspondem à 3ª pessoa, tanto na conjugação verbal quanto na formação das formas oblíquas e átonas (CEREJA e MAGALHÃES, 2013, p. 98).

A abordagem realizada pelos autores sugere uma aparente preocupação em demonstrar que o paradigma do sistema pronominal do PB está em processo de variação e aponta para uma possível mudança, tendo em vista as variantes apresentadas. No entanto, tal abordagem fica, praticamente, apenas na teorização, uma vez que o emprego das formas “nós” e “a gente” não é retomado nos exercícios. Dessa forma, as atividades propostas tomam como base um enfoque tradicional, reforçando as regras previstas na gramática normativa em relação ao uso dos pronomes.

O capítulo 2, da unidade 2, do volume 2, é destinado ao estudo da classe dos verbos. Nesse capítulo, não há nenhuma abordagem de fenômenos de variação, nem mesmo em relação à flexão número-pessoal. Depois do capítulo dos pronomes, esperava-se que a discussão acerca das pessoas verbais fosse retomada, o que não acontece.

No capítulo 3, da unidade 3, do volume 2, destinado à sintaxe do período simples, são estudados os termos essenciais da oração, sujeito e predicado. Ao abordar os termos oracionais em questão, os autores tiveram uma boa oportunidade para que se retomasse a abordagem sobre as formas pronominais “nós” e “a gente”, uma vez que ambas têm sido empregadas, com frequência, como sujeito gramatical. No entanto, isso não ocorreu, pois o material enfatiza a definição tradicional de sujeito da oração:

Sujeito é o termo da oração que:

- concorda com o verbo;
- que está imediatamente anteposto ao verbo quando este concorda com dois termos;
- pode constituir o assunto da fala;
- pode ser o agente da ação verbal;
- normalmente apresenta como núcleo um substantivo, um pronome ou uma palavra substantivada (CEREJA e MAGALHÃES, 2013, p. 98).

Se a definição apresentada pelos autores fosse analisada a partir da perspectiva da variação, seria possível apontar várias incoerências, como, por exemplo, o fato de que o sujeito concorda com o verbo. Estudos como os de Scherre e Naro (1998...) e Scherre; Yacovenco; Naro (2018) demonstram que, no PB, a concordância verbal é variável, portanto, nem sempre o sujeito concorda com o verbo a que se refere, como também, não é uma regra fixa que o sujeito sempre esteja anteposto ao verbo, mesmo nos casos de sujeito com dois núcleos. A despeito dessas questões, queremos destacar que, no capítulo em questão, destinado ao estudo do sujeito, não há nenhuma referência à possibilidade da alternância entre as formas “nós” e “a gente” empregadas como sujeito.

Também no capítulo 2, da unidade 3, do volume 3, é abordado o tema da concordância verbal. Com relação a esse assunto, não ocorre nenhuma referência a fenômenos variáveis. Embora os autores tenham apresentado as formas “nós” e “a gente”, como usos da língua, no capítulo 2, da unidade 2, do volume 2, ao tratar sobre a concordância, em nenhum momento se retoma a discussão sobre a possibilidade de essas formas pronominais serem empregadas como sujeito da oração. Tal emprego, aliás, pode ser considerado como um dos fatores que favorecem a concordância variável entre o verbo e o sujeito. Isto porque, tendo em vista que, conforme os dados analisados neste trabalho apontam, há a possibilidade de, numa oração, por exemplo, ocorrer a forma “a gente” como sujeito exposto e, noutra oração, o mesmo sujeito ser retomado, anaforicamente, mas com o verbo flexionado com a desinência número-pessoal “-mos”, relativa à primeira pessoa plural (“nós”). Logo, tal situação sugere que, de certa forma, embora o livro didático analisado faça referência a fenômenos linguísticos variáveis próprios do PB, a abordagem da variação linguística não se desenvolve de forma sistemática e aprofundada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, retomamos, mais uma vez, a questão da variação de *nós* e *a gente* na função de sujeito no PB e o tratamento que o tema ganha nos contornos escolares. Nossos dados nos permitem concluir que esse fenômeno de variação se faz presente de forma clara na entrevista escrita, um gênero que permite a manutenção de fenômenos típicos da oralidade. Os usos que captamos em nossa amostra revelaram também que tais fenômenos se mantêm, ainda que sejam frutos de enunciados produzidos por indivíduos de alta escolaridade e prestígio social desenvolvendo tópicos ligados ao campo da economia e de negócios, caracterizados por tecnicidade e formalidade.

Logo, a partir da análise dos dados, reforça-se a ideia de que todas as normas linguísticas, entendidas como os diferentes usos linguísticos, estão sujeitas à variação, até mesmo aquelas normas empregadas em contexto de formalidade, como é o caso da norma culta. Tal constatação, por conseguinte, precisa ter uma repercussão no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na escola, a fim de que os estudantes tenham consciência das variedades de usos que a língua oferece e tenham condições de empregar essa variedade de acordo com suas intenções e as diferentes situações de interação em que se envolvam.

A despeito dessa constatação, a avaliação da coleção didática amplamente utilizada por professores da rede pública mostrou que o tema está longe de receber um tratamento adequado. O material trata do tema da variação linguística, mas não de maneira sistemática, pois se limita a apresentar *nós* e *a gente* como opções de uso da língua, sem explorar as potencialidades dessa variação na constituição de textos e discursos em que o oral e escrito se apresentam como mescla quase obrigatória. Perde-se, pois, a oportunidade de explorar com os alunos instrumentos que permitam o desenvolvimento de sua competência discursiva.

BIBLIOGRAFIA

ÁRCTICO, L. S. *A variação pronominal Tu/Você e Nós/A gente em livros didáticos de português como língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2016, 107p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/141967>. Acesso em 9 dez. 2020.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de A Gente no português brasileiro : análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese (Doutorado em Letras) - UFRGS. Porto Alegre, p. 227. 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica *Guia do Livro Didático PNLD 2015: Língua Portuguesa – Ensino médio*. Brasília, 2014. Disponível em <http://www.fnnde.gov.br/component/k2/item/5940-guia-pnld-2015>. Acesso em 9 dez. 2020.

BRUSTOLIN, A. *Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do ensino fundamental*. In: Anais do IX Encontro do CELSUL. Santa Catarina, 2010.

CAMPOS, E. A. *O uso dos pronomes nós e a gente no gênero entrevista da mídia televisiva: uma análise do português culto falado em Belém*. In: Anais do I SIMELP, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. *Variação linguística e ensino: ‘nós’ e ‘a gente’ em livros didáticos de português brasileiro como língua estrangeira*. *Revista de Estudos Portugueses Y Brasileños*, v. 15, p. 25-40, 2017.

CASTILHO, A. T. de. *Variação dialetal brasileira e ensino institucionalizado da língua portuguesa*. In: BAGNO, M.. *Linguística da Norma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 27-36.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens, Ensino Médio*, v. 1, 2 e 3. 9. ed. São Paulo: 2013.

DIAS, A. R. F. *A conversação na entrevista de perfil na mídia escrita: uma questão para o ensino*. In: *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p157-177>>, Acesso em: 01 jan 2021.

FARACO, C. A. *Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós*. In: BAGNO, M.. *Linguística da Norma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 37-62.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. (Org.). *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, E; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós* e *a gente*, um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986, p. 175-83.

FRANCESCHINI, L. T. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia-SC*. Tese (Doutorado em Letras) - UFPR. Curitiba, p. 253. 2012.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA*. v. 32 n. 4 São Paulo Oct./Dec. 2016, p. 890-917. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>. Acesso em 10 dez. 2020.

GOULART, C. O tratamento da diversidade e variação linguísticas em livros didáticos de português. *Letras & Letras*. Uberlândia, vol. 31/2, jul/dez 2015, p. 188-210. Disponível em: DOI: 10.14393/LL62-v31n2a2015-10. Acesso em 9. dez. 2020.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. pp. 180-93.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo , v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998 . Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em? 01 jan. 2021.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 63-90.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAIA, F. P. S. A variação nós / a gente no dialeto mineiro: investigando a transição. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 2, 14 maio 2017. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1032>>. Acesso em: 01 jan 2021.

MENDONÇA, A. K. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. In: *PERcursos Linguísticos*. v. 2, n. 12, p. 1 - 19. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

MITTELSTADT, D.; SANTOS, L. G. dos. A gente e nós e o seu tratamento em um livro didático de português como língua adicional. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 433-456. Disponível em: www.seer.ufrgs.br. Acesso em 10 dez. 2020.

NICOLAU, R. B. F. O desafio do professor em adequar as teorias linguísticas às necessidades de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. *Revista Linguagens & Letramentos*, Cajazeiras – Paraíba, v. 5, n° 1, jan-jun, 2020, p. 56-75. Disponível em <http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/linguagensletramentos/article/view/1431/589>. Acesso em 10 dez. 2020

OMENA, N. P. de. (1986). A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO,

Anthony et alii. Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro, UFRJ, V. 2. p.286-319.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4245>>. Acesso em: 12 jan. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2009v12n1p279>.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509- 523, 1998. Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em 9 dez. 2020.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C.; NARO, A. J. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. Estudos de Linguística Galega, *ELG*. v. Especial, n. I, p. 13-27, 2018. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3585> Acesso em: 6 jan. 2021.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. In: *Organon*. Porto Alegre. v. 14, n. 28 -29, p. 179-94, 2000. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/30203/18711>> . Acesso em: 01 jan. 2021.

SILVA, E. C. da. *A abordagem dos pronomes pessoais no livro didático de português: reflexões à luz da variação linguística*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016. 177 p. Disponível em:<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24499>. Acesso em: 9 dez. 2020.

SILVA, F. B. *A abordagem da variação linguística no ensino de língua portuguesa em instituições públicas de ensino do estado do Paraná, 2017*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000216176>. Acesso em 10 dez. 2020.

SILVA, F. B.; BARONAS, J. E. de A. Crenças Linguísticas sobre o ensino de Língua Portuguesa no curso de Letras. *Caletrosópio*. Volume 7, N. Especial 1, 2019, p. 236-250. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/caletrosopio/article/view/3875/2995>. Acesso em 10 dez. 2020.

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal Nós/A Gente e a gramaticalização de A Gente na Cidade de Curitiba-PR*. Tese (Doutorado em Letras) - UFPR. Curitiba. 2010, 222 p.

VITÓRIO, E. G. DE S. L. A. Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar. *Letras & Letras*, v. 31, n. 2, 29 dez. 2015, p. 128-143. Disponível em <https://doi.org/10.14393/LL62-v31n2a2015-7>. Acesso em 9 dez. 2020.

Flávio Brandão Silva

Possui doutorado em Estudos da Linguagem (UEL), Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP) e graduação em Letras Português pela Universidade Estadual de Maringá (1998). É docente do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias (DTL) e do Programa de Pós-graduação em Letras (PLE), da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Participa do Grupo de Pesquisa Variação Linguística e Ensino: normas (Valen). Membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL.

Hélcio Batista Pereira

Professor Adjunto da graduação em Letras/UEM e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE/UEM). Possui Bacharelado em Letras - habilitações em Linguística e Português pela FFLCH/USP (2002), bacharelado em Ciências Econômicas pela UNESP (1993), mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela FFLCH/USP (2005) e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela FFLCH/USP (2011). Coordenador do Grupo de Pesquisa HLinFU - História da Língua e Formação Urbana.

Recebido em 15/02/2021.

Aceito em 20/04/2021.